

CAMINHOS PARA SE COMBATER A ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção. Receberá nota zero a redação que desrespeitar os direitos humanos; apresentar menos de sete linhas; fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo ou apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema “CAMINHOS PARA SE COMBATER A ESCRAVIDÃO CONTEMPORÂNEA NO BRASIL”, a apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO 1

Trabalho escravo contemporâneo é o trabalho forçado que envolve restrições à liberdade do trabalhador, onde ele é obrigado a prestar um serviço, sem receber um pagamento ou receber um valor insuficiente para suas necessidades e as relações de trabalho costumam ser ilegais. Diante destas condições, as pessoas não conseguem se desvincular do trabalho. A maioria é forçada a trabalhar para quitar dívidas, muitas vezes contraída por um ancestral. Escravidão moderna é uma expressão genérica aplicada às relações de trabalho, particularmente na história moderna ou contemporânea, segundo as quais pessoas são forçadas a exercer uma atividade contra sua vontade, sob a ameaça de indigência, detenção, violência ou mesmo morte. Muitas dessas formas de trabalho podem ser acobertadas pela expressão "trabalhos forçados", embora quase sempre impliquem o uso de violência. A escravidão moderna inclui todas as formas de escravidão, sendo que o termo "servidão" é geralmente usado apenas com referência a sociedades pré-modernas ou feudais.

O escravismo moderno de baseia:

- Na produção de metais preciosos para o fabrico de moedas na Europa
- Da oferta de escravos
- Da liberdade de mercado
- Da capacidade reprodutiva da mão-de-obra
- Da taxa de mortalidade da mão-de-obra
- Da economia de subsistência

As estimativas do número de escravos hoje variam de cerca de 21 a 49 milhões, empregando-se nos diversos ramos da indústria, serviços e agricultura. Em geral, os escravos provêm de regiões muito empobrecidas, com pouco acesso à educação e saúde e ao crédito formal. São locais onde as leis de proteção são fracas, ou sua aplicação é restrita, de forma que a ação dos aliciadores é facilitada. São jovens, a maioria do sexo feminino. Muitos são forçados a se deslocar de sua região de origem em busca de oportunidades e são aliciados para este tipo de trabalho.

A região do mundo onde estas relações de escravidão estão mais presentes é o sul da Ásia, sobretudo a Índia. Apesar das leis, muitos indianos são forçados a trabalhar em regime escravo para pagar dívidas adquiridas por seus antepassados. Da República Popular da China surgem denúncias sobre a existência de campos de trabalho escravo.

A escravidão ocorre em Estados fracos ou corruptos. Regimes autoritários podem favorecer ou mesmo estimular a escravidão. Um exemplo é a segunda guerra civil sudanesa, quando as milícias receberam apoio do governo para escravizar a população. Outro exemplo é Mianmar, onde os camponeses são obrigados pelo governo a trabalhar em regime de corveia. Existem mais de trezentos tratados internacionais pelo fim do trabalho escravo e comércio de pessoas e mais de doze convenções mundiais de combate à escravidão contemporânea. Entretanto, o problema persiste diante da condição de miséria em que vive grande parte da população mundial. O dia 23 de agosto foi instituído pela Unesco como o Dia Internacional de Lembrança do Tráfico de Escravos e sua Abolição.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_escravo_contempor%C3%A2neo

TEXTO 2

Ao ligarmos a televisão ou abrirmos uma revista nos deparamos com mulheres altas, magras, bonitas e perfeitamente maquiadas e penteadas. Esses padrões estéticos, ao mesmo tempo em que mexem com a autoestima de muitas mulheres, também instigam a discussão sobre o lado bom e o lado ruim de tantos conceitos sobre o que é realmente belo e aceitável. De uma forma geral, essas imagens despertam o autocuidado feminino. Ao demonstrarem o horror à gordura, levam a mulher a olhar para si mesma e querer reduzir suas medidas em busca de bem-estar, a se alimentar melhor e a fugir do sedentarismo. Soma-se a isso a questão da saúde, uma vez que a obesidade e os problemas gerados por ela vêm aumentando consideravelmente no Brasil. "Porém, esses padrões são maléficos quando fazem a mulher adoecer e despertam uma sensação de inquietação obsessiva sobre a imagem corporal. A pessoa fica tão insatisfeita com a autoimagem que passa a empobrecer a própria vida. Não sai mais, não consegue trabalhar e nem se relacionar social e amorosamente", avalia Joana de Vilhena Novaes, doutora em Psicologia Clínica. A especialista também é coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS) da PUC do Rio de Janeiro. Nele uma equipe multidisciplinar, composta por psiquiatras, nutricionistas e outros profissionais atendem pessoas carentes e de classe média com transtornos alimentares e comportamentais. Por estar localizado dentro de uma universidade,

tem o respaldo de pesquisas de professores e alunos, que ajudam a tornar o trabalho cada vez mais atualizado e efetivo.

"Os padrões de beleza precisam ser discutidos com racionalidade. Ter 1,80cm e ser magérrima é um conceito muito restritivo. E acredito que a mudança de pensamento a respeito deles precisa começar desde cedo, por meio da educação. Assim a pessoa cresce alheia a esses conceitos estéticos e melhora sua autoaceitação", diz a doutora em Psicologia Clínica. Para as mulheres que já se veem apegadas a esse mundo cruel da beleza, vale fazer uma autoavaliação bem crítica e procurar entender que lugar o corpo ocupa na vida delas. É plenamente possível melhorar a aparência por meio de tratamentos estéticos, boa alimentação e exercícios físicos. Quem sabe usar os instrumentos de beleza com seriedade e limite só tem a ganhar com os padrões de beleza atuais. "Poder brincar com o corpo de maneira racional é legal. Colocar um silicone, fazer uma plástica para se sentir mais bonita e mais sexy não tem nada demais. É bonito ver uma senhora de 60 anos vestida adequadamente e bem cuidada no seu limite", comenta Joana. "Entretanto, é preciso ter bom senso e consciência de que o tempo é implacável com a beleza. Ter 70 anos e querer aparentar 30 não é legal", completa. Apesar de tanta pressão direta e indireta, a mulher não pode resumir sua vida às suas características físicas. Ela precisa lembrar que trabalha, tem amigos e outras habilidades para desenvolver. "Por mais que se estique daqui e dali, a idade vai chegar e tudo vai envelhecer. A mulher precisa lembrar que é mais do que um peito e que sua beleza precisa ultrapassar a aparência".

Disponível em: <http://www.maisequilibrio.com.br/beleza/padroes-de-beleza-6-1-5-626.html>

TEXTO 3

A ESCRAVIDÃO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

De acordo com a lei a escravidão não existe mais. O último país a abolir a escravidão foi a Mauretânia em 1981. Porém a escravidão continua em muitos países, pois as leis não são aplicadas. Elas foram somente feitas pela pressão de outros países e da ONU, mas não representam a vontade do governo do respectivo país. Hoje em dia tem pelo menos 27 milhões escravos no mundo.

Quando falamos de trabalho escravo, a imagem que temos é de uma lembrança do passado, restrita aos livros de História. Infelizmente isso não é verdade. A escravidão permanece até os dias de hoje, não apenas nos países pobres como nos desenvolvidos. Produto da desigualdade e da impunidade, ela é uma grave doença social. Em sua forma contemporânea apresenta-se nas mais diversas formas: da prostituição infantil ao tráfico de órgãos, do tráfico internacional de mulheres à exploração de imigrantes ilegais e à servidão por dívida.

A legislação moderna proíbe a escravidão, mas isso não tem impedido que pessoas inescrupulosas se beneficiem do trabalho de pessoas cativas. Nenhuma região do planeta está livre desse flagelo.

O número de trabalhadores escravizados no Brasil varia de 25 mil, segundo cálculo da Comissão Pastoral da Terra (CPT) a 40 mil, pela estimativa da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). Pecuária e desmatamento respondem por três quartos da incidência de trabalho escravo. Atividades agrícolas, de extração de madeira e produção de carvão também registram muitos casos.

Em março de 2003 foi lançado no Brasil o Plano Nacional para Erradicação do Trabalho Escravo que constituiu uma comissão nacional para colocá-lo em execução. O plano reúne 76 medidas de combate à prática. Entre elas, projetos de lei para confiscar terras em que for encontrado trabalho escravo, suspender o crédito de fazendeiros escravocratas e transferir para a esfera federal os crimes contra os direitos humanos. Nos países árabes e em outros países muçulmanos existem também escravos tradicionais. A caça de escravos negros, visando a captura de moças e crianças bonitas para serem escravas domésticas ou ajudantes para vários trabalhos, existe principalmente no Sudão. Na escravatura branca (tráfico humano para a prostituição forçada) se encontram presas milhões de moças, principalmente de países pobres como Ucrânia, Moldávia, Rússia, África, Índia e países, que a prostituição tem tradicionalmente muito peso, como a Tailândia e as Filipinas. As meninas são aliciadas com falsas promessas, vendidas e tem que prostituir-se até a dívida (o preço pelo compra e adicionais) é paga. Muitas vezes a mulher escravizada é vendida a seguir e tudo começa de novo. Um círculo vicioso sem conseguir escapar.

Infelizmente, nessas estatísticas não são contadas milhões de mulheres e meninas, que pela tradição ou até as leis em muitos países muçulmanos e outras regiões são consideradas propriedade de seus maridos ou pais.

Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/ef2/culturaafro/p4.php>



TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO – AULA LIVRE

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=J8APVEZDUMU](https://www.youtube.com/watch?v=J8APVEZDUMU)